



TEXTO DIGITAL

Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

Identities in communion: multimodal strategies of individuation in a Facebook group

Identities in communion: multimodal individuation strategies on a Facebook group

Theodoro Casalotti Farhat^a; Paulo Roberto Gonçalves-Segundo^b

^a Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil - theo.cfar@gmail.com

^b Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil - paulosegundo@usp.br

Palavras-chave:

Individuação.
Multimodalidade.
Facebook.
Vinculação social.
Discurso digital.

Keywords:

Individuation.
Multimodality.
Facebook. Bonding.
Digital discourse.

Resumo: A partir da perspectiva sociosemiótica sobre a individuação elaborada por Martin (2010), da Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (2006) e, mais globalmente, dos princípios da Análise do Discurso Mediado por Computador apresentados por Herring (2004, 2019), propomos um procedimento metodológico que permite a investigação de estratégias de individuação em suas dimensões verbo-pictórica e interacional, expondo de que maneira significados ideacionais e atitudinais acoplam-se para formar vínculos semântico-discursivos que servem de fundamento para movimentos de alocação e afiliação. Tal procedimento foi aplicado a um corpus composto por três postagens instanciadas no grupo de Facebook LDRV, que se revelou um espaço simbólico complexo em relação à dinâmica afiliativa, com manifestações de distintas estratégias multimodais de individuação. Ao final do estudo, discutimos quatro *continua* que permitem uma caracterização mais holística do espaço em questão ao abarcar a dinâmica tética, semântico-discursiva, afiliativa e verbo-pictórica de diferentes interações, fornecendo categorias potencialmente úteis para a análise contrastiva de textos internos e externos ao Facebook.

Abstract: Based on the socio-semiotic approach to individuation elaborated by Martin (2010), on the Grammar of Visual Design by Kress and van Leeuwen (2006) and, more globally, on the principles of Computer-Mediated Discourse Analysis presented by Herring (2004, 2019), we propose a methodological procedure that allows the investigation of individuation strategies in their verbo-pictorial and interactional dimensions, revealing how ideational and attitudinal meanings couple to form discourse semantic bonds that serve as a foundation for allocation and affiliation moves. The procedure was applied to three posts instantiated on the Facebook group LDRV, which was shown to be a complex symbolic space in terms of its affiliative dynamic, manifesting distinct multimodal individuation strategies. At the end of the study, we propose four *continua* which allow a holistic characterization of the space under discussion by approaching the telic, discourse semantic, affiliative, and verbo-pictorial dynamics of different interactions, providing potentially useful categories for the contrastive analysis of texts instantiated on Facebook and elsewhere.



1 Introdução

Desde a década de 1990, a popularização de computadores pessoais levou a transformações em diversas práticas discursivas, alterando algumas bem estabelecidas e criando outras, completamente novas. Em meados dos anos 2000, o crescente acesso à internet de alta velocidade e a chegada dos *smartphones* tornaram tais práticas progressivamente mais mundanas – a tal ponto que o uso de novas tecnologias se tornou imprescindível para certas atividades – e multimodais – é cada vez mais raro encontrar textos digitais uniformemente verbais; a coocorrência de outros modos semióticos encontra-se em franca ascensão (HERRING, 2019).

Nesse contexto, plataformas como o Facebook passaram a ser espaços de relevância para grande parte das interações contemporâneas, atraindo, assim, atenção de pesquisadores dos estudos do texto e do discurso. Deve-se esclarecer, porém, que, mesmo em uma única plataforma, há uma miríade de práticas distintas – o que se reflete, por exemplo, na divisão de “espaços” internos à rede: “perfis”, “páginas”, “grupos”, entre outros. Por isso, estudos sobre práticas discursivas no Facebook (ou em qualquer outra plataforma) devem ter como foco não somente publicações em espaços “tradicionais” (como “perfis”), mas também devem se atentar a ambientes por vezes negligenciados, como, no caso do Facebook, os grupos – que, por sua vez, são também muito diversos em suas práticas.

Seguindo em tal direção, este artigo apresenta análises de postagens provenientes do grupo de Facebook denominado LDRV¹, que se destaca tanto “quantitativamente” (o grupo contava, à época da coleta do *corpus*, com mais de 400 mil membros) quanto qualitativamente: o LDRV parece constituir um espaço em que performances identitárias não-hegemônicas, particularmente aquelas envolvendo gênero e sexualidade, têm maior grau de expressividade, possivelmente remediando o que nos estudos do discurso digital se chamou de “colapso de contexto”² (MARWICK; BOYD, 2011) e oferecendo alternativas ao chamado “realismo identitário” (RAMOS, 2015), característica típica de

¹ Originalmente denominado “Lana Del Rey VEVO”, em referência à cantora estadunidense de que muitos de seus membros iniciais eram fãs. Há anos, entretanto, a abrangência do grupo vai muito além do domínio musical.

² Pode-se definir colapso de contexto como “o processo por meio do qual redes sociais digitais reúnem pessoas de vários contextos sociais, criando, assim, uma diversa audiência em rede” (ANDROUTSOPOULOS, 2014, p. 62, tradução nossa). No Facebook, tal processo ocorreria particularmente em publicações de perfis pessoais, em que o usuário tem de lidar com uma audiência de familiares, colegas de trabalho, amigos próximos, etc.

plataformas como o Facebook.³ Ademais, o grupo também é atrativo por certas práticas textuais que lhe são típicas, como o uso de “edits” (edições explicitadas como tais), que também são investigadas neste estudo.

Neste artigo, temos como objetivo principal a compreensão aprofundada do modo como, em interações instanciadas no interior do LDRV, os membros do grupo conduzem vinculações sociais (*bonding*) e performances textuais de identidade de modo a, a partir de recursos semântico-discursivos verbais e pictóricos, lidar estrategicamente com aquilo que se denomina “individuação” (cf. seção 2.3): processos sociossemióticos por meio dos quais interactantes, ao fazerem uso de recursos semântico-discursivos específicos, criam acoplamentos afiliativos que estabelecem identidades individualizadas ao mesmo tempo que interagem com identidades comunitárias, seja afiliando-se a elas, seja demarcando oposições. Trata-se, portanto, de um estudo que, tendo como base a atenção minuciosa às instâncias verbais e imagéticas, pretende detalhar estratégias sutis de individuação que iluminam a complexidade da dinâmica interacional, multimodal e digital em uma comunidade em que a afiliatividade é, como mostraremos, um fenômeno de central importância.

Na próxima seção, apresentamos os fundamentos teórico-metodológicos que orientam esta pesquisa: a Análise do Discurso Mediado por Computador, a perspectiva sistêmico-funcional e sociossemiótica dos estudos do discurso verbal e multimodal – incluindo a Gramática do Design Visual e as escalas de instanciação e de individuação; depois, apresentamos o fenômeno dos “edits”, que neste estudo recebe atenção especial. Em seguida, propomos um esquema básico de decomposição textual que subjaz às análises, guiando-as. Ao final, são apresentadas três análises, levando à discussão e sistematização dos resultados em quatro *continua* semântico-discursivos e reflexões primárias sobre o caráter do LDRV como um contexto interno à plataforma do Facebook.

2 Ancoragem teórico-metodológica e eixos de análise

³Segundo Ramos (2015), plataformas como o Facebook estruturam-se em torno de “um realismo identitário, que supõe: a) a correspondência entre identidade dentro e fora da rede; b) a visibilidade do indivíduo e de seu mundo fora da rede e, em decorrência, c) que as relações entre indivíduos transitem dentro e fora da rede.” (RAMOS, 2015, p. 70). O LDRV, como grupo (semi-)privado, possibilitaria desvios quanto a tais coerções identitárias, com as restrições “espaciais” da plataforma gerando uma impressão geral de maior intimidade que, por sua vez, estimularia performances que não se conformam a certas normas, particularmente à heteronormatividade.

2.1 *Análise do Discurso Mediado por Computador (ADMC)*

Esta pesquisa está ancorada, em primeiro lugar, na Análise do Discurso Mediado por Computador (ADMC). Tal paradigma nos é adequado não somente em termos de objetos de análise (o “discurso digital”), mas em especial por sua versatilidade metodológica: por exemplo, Herring (2004, p. 358, tradução nossa) escreve que “a abordagem é indutiva – os fenômenos de interesse são primários – em vez de ser motivada por uma teoria”⁴. Isso, em última instância, torna a abordagem aberta a diversas categorias de análise e procedimentos investigativos, adaptando-se segundo as necessidades específicas da pesquisa. Há, porém, uma série de premissas, das quais destacamos: (i) análise em níveis, considerando a estrutura (do nível fono/grafológico ao textual), os mecanismos de construção do significado, o gerenciamento interacional, e a dinâmica e a ancoragem social; (ii) a multimodalidade como problemática central; e (iii) o fundamento multidisciplinar da reflexão teórica e dos procedimentos metodológicos (HERRING, 2019).

Nesta pesquisa, cada uma das três premissas é direcionada de modo a dar conta das especificidades do corpus sob análise e das perguntas que orientam a investigação, iluminando as problemáticas que estão no centro de nossa atenção. Em relação aos níveis, nossos objetivos se centram naquilo que pode ser chamado de nível “meso”, preocupando-se com aspectos que vão desde a morfossintaxe até fenômenos semântico-discursivos que estão “acima” da oração, como macrosegmentos textuais e mecanismos de gerenciamento interacional, mas não chegando a fazer observações que podem ser adequadamente classificadas como “críticas” – por exemplo, sobre operações ideológicas visíveis no grupo. Tais aspectos “macro” são certamente relevantes, mas fazer um tratamento apropriado de tais questões exigiria um espaço do qual não dispomos.

A maneira como enfrentamos a problemática da multimodalidade é explicitada na seção seguinte (2.2); já o fundamento multidisciplinar desta pesquisa é evidente em ao menos duas de suas bases: primeiramente, na temática da identidade textual, um fenômeno discursivo que tem íntima relação com questões antropológicas (COHEN, 1994; RAMOS, 2015) e interacionais (BENWELL; STOKOE, 2006); em segundo lugar, na

⁴No original: “the approach is inductive – the phenomena of interest are primary – rather than deductive, or theory-driven”.

abertura a diferentes propostas teórico-metodológicas cujo arcabouço pode enriquecer decisivamente as análises. Infelizmente, como a investigação da temática da afiliação em termos semântico-discursivos é ainda incipiente, o fundamento teórico desta pesquisa é relativamente restrito a perspectivas sociosemióticas (cf. seções 2.2 e 2.3); porém, seus resultados oferecem categorias e considerações que de nenhuma forma se limitam à Semiótica Social. Para uma pesquisa afiliada à ADMC que articula perspectivas sociosemióticas com a Pragmática dos Atos de Fala, a Teoria da Polidez e a Linguística Textual, ver Farhat e Gonçalves-Segundo (2021a).

2.2 Multimodalidade: perspectivas sociosemióticas

Seguindo as premissas da ADMC explicitadas anteriormente, ao longo deste estudo damos especial atenção ao fenômeno da multimodalidade – isto é, à maneira como diferentes modos semióticos contribuem para a coconstrução de sentidos em interação (cf. VAN LEEUWEN, 2015) –, considerando que as práticas discursivas em ambientes digitais são cada vez menos monomodais (HERRING, 2019), com outros modos semióticos contribuindo decisivamente em termos de estrutura (particularmente textual) e de efeitos semântico-pragmáticos. No caso, analisamos neste artigo a articulação entre enunciados **verbais** e **imagens estáticas**.

Desde a década de 1990, tal fenômeno é centro da atenção de pesquisadores associados à Teoria Sistêmico-Funcional⁵ e, de modo mais amplo, à Semiótica Social (VAN LEEUWEN, 2005). Neste estudo, a abordagem sistêmica da lexicogramática (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e especialmente a semântica discursiva de base sistêmica (MARTIN; ROSE, 2007) servem de fundamento para nossas análises de enunciados verbais (ver seção 2.3); já a Gramática do Design Visual (GDV) de Kress e van Leeuwen (2006) oferece as categorias sociosemióticas para a análise de imagens estáticas (discussão realizada nesta seção), e as propostas de Bateman (2008) e Bateman,

⁵Utilizamos a expressão “Teoria Sistêmico-Funcional” (TSF) tendo em mente a distinção feita por O’Halloran, Wignell e Tan (2019, p. 515, tradução nossa) entre TSF e Linguística Sistêmico-Funcional (LSF): a primeira trata dos “conceitos teóricos que podem ser aplicados à língua e a outros recursos semióticos”, enquanto a segunda é o “desenvolvimento de uma teoria para a língua com fundamento sistêmico-funcional (SF), baseando-se na noção de língua como recurso sociosemiótico”. Tal distinção é relevante para os estudos da multimodalidade porque permite uma discussão mais afinada do modo como conceitos originalmente desenvolvidos para a descrição linguística são transpostos para a reflexão sobre outros modos semióticos.

Wildfeuer e Hiippala (2017) motivam a decomposição básica em “telas” que orienta o procedimento analítico (ver seção 3).

A GDV é organizada em três metafunções análogas àquelas consideradas em pesquisas sistêmico-funcionais (ideacional, interpessoal e textual):

- **metafunção representacional:** centra-se nos tipos de processos representados em imagens, com a maior divisão sendo entre os **narrativos**, caracterizados pela presença de participantes envolvidos em eventos a partir de vetores, e os **conceituais**, em que o foco está nos atributos e nas propriedades dos participantes;
- **metafunção interativa:** trata de como a imagem se relaciona com seus leitores, o que inclui conotações de CONTATO com quem lê, de intimidade (DISTÂNCIA SOCIAL), envolvimento/poder (ATITUDE) e graus de “realismo” (MODALIDADE).
- **metafunção composicional:** trata da disposição dos elementos pictóricos em relação a VALOR DA INFORMAÇÃO (distinções de dado-novo e ideal-real)⁶, ENQUADRAMENTO (o modo como elementos são interligados, separados e segregados) e SALIÊNCIA (o tamanho relativo e posicionamento em planos como recurso de destaque).⁷

Na perspectiva sistêmico-funcional, os diferentes sistemas semióticos são vistos como “potenciais de significação” que se instanciam em textos, de modo análogo à relação entre clima (potencial) e tempo (instância). Entre os polos do potencial e da instância, encontramos os registros – definidos como subpotenciais associados às coerções de diferentes contextos. Tais considerações são representadas esquematicamente na Fig. 1:

⁶ Na seção 3, tratamos mais detalhadamente de questões de *layout* e de sua importância.

⁷ A apresentação que fizemos da GDV é sumária e esquemática. Recomendamos para aprofundamento a consulta à obra de Kress e van Leeuwen (2006) ou à introdução em português de Nascimento, Bezerra e Heberle (2011).

Figura 1 – Escala de Instanciação

Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 28).

Nesta pesquisa, por analisarmos diferentes textos instanciados em um mesmo espaço, “subimos” do polo da instância em direção à região do subpotencial, embora não tenhamos como pretensão chegar a uma caracterização definitiva do “registro” do LDRV – para isto seria necessário realizar, no mínimo, uma pesquisa quantitativa.

2.3 *Individuação: recursos semântico-discursivos*

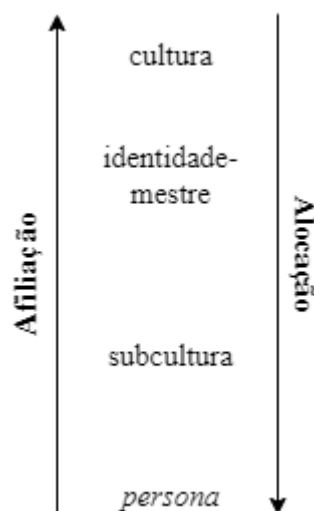
O arcabouço teórico sistêmico-funcional também nos servirá, neste artigo, para investigar o estabelecimento de vínculos sociais (*bonding*) e a performance textual de identidades. Para isso, recorreremos à noção de escala de individuação, análoga à escala de instanciação: “Enquanto a instanciação se refere à especialização do potencial de significação de uma cultura, texto a texto, a individuação especializa tal potencial de significação de acordo com pessoas”⁸ (MARTIN, 2010, p. 22).

Cada especialização semântica **alocaria**, então, diferentes potenciais a diferentes identidades – ou, de modo mais específico, a *personae* precisas (isto é, a identidades realizadas concretamente em um texto): há o potencial associado a professores, médicos,

⁸Todas as traduções são nossas. No original: “Whereas instantiation refers to the specialization of the meaning potential of a culture text by text, individuation specializes that meaning potential according to people”.

mães, políticos, etc. Em contrapartida, textos podem ser utilizados na outra direção: não para demonstrar identidades “únicas”, individualizadas, mas como modo de sinalizar a **afiliação** de um enunciador a um grupo e, portanto, o compartilhamento de traços identitários com diversas pessoas. A escala de individuação é ilustrada na Fig. 2:

Figura 2 – Escala de individuação: alocação e afiliação



Fonte: Adaptado de Martin et al. (2013, p. 490).

Há um recurso semântico-discursivo particularmente revelador acerca de estratégias afiliativas: o acoplamento (*coupling*) de significados ideacionais (instâncias do sistema de IDEAÇÃO) a significados avaliativos (especificamente do subsistema de ATITUDE), de modo que é possível propor a seguinte fórmula de acoplamento⁹ (KNIGHT, 2010):

$$\text{Vinculação afiliativa (bonding)} = \text{IDEAÇÃO} + \text{ATITUDE}$$

O sistema de IDEAÇÃO “foca no conteúdo de um discurso – que tipos de atividades são empreendidas, e como participantes envolvidos em tais atividades são descritos e classificados [com recursos como hiponímia, meronímia, etc.]”¹⁰ (MARTIN; ROSE, 2007, p. 17, tradução e colchetes nossos). Já o subsistema de ATITUDE trata, resumidamente, de “nossos sentimentos, incluindo reações emocionais [**afeto**],

⁹Na Teoria Sistêmico-Funcional, acoplamentos (*couplings*) são definidos como “a cosseleção de recursos linguísticos através de níveis, metafunções, estratos e modalidades que não são especificados por ciclos de sistema e estrutura” (MARTIN et al., 2013, p. 469, tradução nossa).

¹⁰No original: “Ideation focuses on the content of a discourse – what kinds of activities are undertaken, and how participants undertaking these activities are described and classified”.

juílgamentos de comportamento e a avaliação de coisas [apreciação]”¹¹ (MARTIN; WHITE, 2005, p. 35, tradução, colchetes e grifos nossos).

Há ainda um terceiro elemento, proveniente do sistema semântico-discursivo de CONJUNÇÃO (parte da metafunção lógica, especializada na articulação de experiências): podem ocorrer, mas não obrigatoriamente, elos lógico-semânticos entre as instâncias ideacionais e atitudinais – por exemplo: *Vocês também pegam trauma/medo* [atitude: afeto: segurança; polaridade: negativa] *das coisas por conta de* [conjunção: causalidade] *filme* [ideação] (ver análise na seção 4.1). De fato, veremos que a relação de causalidade é comum no estabelecimento de tais elos, embora possivelmente não seja a única que opere para isso.

Knight (2010) identifica três estratégias básicas de vinculação afiliativa: comunhão (compartilhamento de vínculos afiliativos), condenação (um vínculo apresentado contrasta demasiadamente com outros e, por isso, é rejeitado em favor de vínculos comungáveis) e riso (propõe-se um vínculo incongruente com os presentes na interação, o que cria uma tensão leve, situação geralmente resolvida com risos – *laughing a bond off*).

O uso de tais recursos para indicar afiliação fica evidente, por exemplo, na constituição de comunidades formadas por “fãs” de cantores, bandas, etc.: no caso, geralmente encontramos a comunhão de acoplamentos entre significados ideacionais referentes aos artistas e suas obras e instâncias de apreciação positiva. De modo análogo, em nossas análises, verificamos de que maneira questões de individuação podem ser exploradas no contexto do LDRV a partir de escolhas semântico-discursivas (que, por sua vez, são realizadas em estruturas léxico-gramaticais).

Para tal investigação, seguimos um procedimento metodológico básico. Em primeiro lugar, explicitamos a estrutura da matriz da postagem (cf. seção 3), dando especial atenção para possíveis acoplamentos entre significados atitudinais e experienciais; quando há (caso de todas as postagens apresentadas neste artigo), verifica-se a potencial complexidade dos significados ideacionais acoplados, especialmente em termos de

¹¹No original: “Attitude is concerned with our feelings, including emotional reactions, judgements of behaviour and evaluation of things”.

relações taxonômicas (hiponímia, meronímia, etc.). Depois, examina-se a organização interacional dos comentários em relação à matriz, novamente observando possíveis acoplamentos afiliativos; por fim, analisa-se o papel dos “edits” na interação. A dinâmica interacional entre significados ideacionais, atitudinais e as diferentes nuances semântico-discursivas empregadas pelos interactantes são sintetizadas ao fim de cada análise, de modo a apreender as estratégias globais de afiliação instanciadas em cada postagem. Tais estratégias são sistematizadas e comparadas ao fim do artigo.

2.4 Edições explicitamente marcadas como tais: os “edits”

Um fenômeno textual característico de postagens no LDRV (embora não exclusivo de tal espaço) – e, portanto, relevante para os nossos objetivos – é a ocorrência de “edits”: edições feitas à “tela-base” da postagem (ver seção 3) que são explicitamente marcadas como tais. Por sua forte presença no LDRV e por não ter sido muito explorado anteriormente (uma exceção é a pesquisa de Gallagher (2015), que estuda edições e outras estratégias em vários espaços digitais), as causas e os efeitos de “edits” como um possível recurso do nível da estrutura textual com impactos no gerenciamento interacional das postagens são investigados neste artigo, de modo a obter uma compreensão tanto do fenômeno em si quanto, de modo mais global, das práticas discursivas no LDRV – objetivo central desta pesquisa.

3 Decomposição sintagmática textual básica e procedimentos metodológicos

De modo a garantir maior rigor e comparatividade nas análises, propomos um esquema básico de decomposição textual e multimodal que orienta todo o procedimento analítico. Isso se justifica pela complexidade multissemiótica e interacional dos textos em questão, que correm o risco de descrições impressionistas que contribuem pouco para teorizações posteriores. As inspirações para a decomposição estão em Bateman (2008) e Bateman, Wildfeuer e Hiippala (2017, p. 213), que afirmam que “[c]lassificar os meios e suas telas é o primeiro passo para ser capaz de dar organização até para situações muito complexas e, por isso, é o lugar de onde se começa”¹². Cada tela tem *affordances*¹³ específicas e se

¹²No original: “Sorting out the media and its canvases is the first key to being able to bring organisation even to very complex situations and so this is the place to start”.

¹³ De modo bastante geral, pode-se afirmar que “Quando visto em termos de *affordances*, um objeto é percebido diretamente em termos das possibilidades de ação que abre para um agente em um ambiente” (BATEMAN; WILDFEUER; HIPALA, 2017, p. 90).

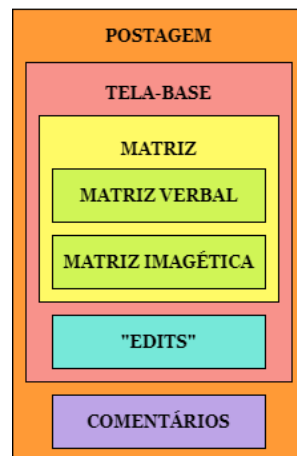
liga ao todo textual de modo particular; a decomposição básica explicita tais peculiaridades semióticas.

Quatro critérios básicos são propostos para a distinção dos constituintes textuais fundamentais de qualquer postagem:

- i. o **layout**, tendo sempre em mente que os artefatos em questão são fundamentalmente visuais, já que os modos semióticos que os constituem são a modalidade *escrita* da língua e o modo *pictórico* estático;
- ii. o **modo semiótico**, partindo da premissa de que diferentes modos semióticos têm potenciais de significação intrinsecamente diversos;
- iii. a **autoria** dos enunciados, já que as possibilidades de enunciação de certos constituintes são distintas de acordo com o papel que cada usuário assume em uma postagem (de “postador” ou de “comentador”);
- iv. o **momento de publicação** de um enunciado do postador (isto é, se o enunciado foi publicado na “origem” da postagem ou se apareceu em uma edição) e a **marcação** explícita de diferentes momentos;

Como resultado, toda postagem analisada neste artigo seguirá a seguinte decomposição, ilustrada pela Fig. 3:

Figura 3 – Decomposição textual básica de uma postagem



Fonte: Elaboração própria.

- a) **Tela-base:** a seção do texto publicada pelo autor da postagem como postador (e não como comentador). Os critérios de autoria (iii) e *layout* (i) a distinguem dos comentários. É subdividida em:
- **Matriz:** a parte da tela-base que, não marcada pelo momento de sua publicação, é lida como a seção “original” da postagem – e, assim, é diferente dos “edits” (ver a seguir) especialmente pelo critério (iv). É dividida em:
 - **Matriz verbal:** os enunciados verbais na matriz. Difere da matriz imagética por seu modo semiótico – critério (ii).
 - **Matriz imagética:** uma ou mais imagens estáticas acompanhando o texto verbal da matriz.
 - **“Edits”:** edições acrescentadas à tela-base e marcadas explicitamente como tais. Distinguem-se da matriz pelo critério (iv) – momento de publicação.
- b) **Comentários:** enunciados feitos majoritariamente (quando não completamente) por usuários que “respondem” à tela-base. Portanto, distinguem-se da tela-base pelos fatores de *layout* (i) e autoria (iii).

A disposição visual dos diversos elementos que compõem uma postagem é um fator decisivo para a decomposição acima, refletindo a importância que artefatos visuais dão ao espaço como recurso de significação. Como mencionamos anteriormente, a GDV de Kress e van Leeuwen (2006) atribui tais questões à metafunção composicional, com o sistema de valor da informação levando em consideração o potencial de significação que as distinções direita-esquerda (dado-novo) e acima-abaixo (ideal-real) teriam. Enquanto a primeira distinção muitas vezes tem fundamento empírico (por exemplo, em sequências pictóricas narrativas de sociedades em que se escreve da esquerda para a direita), a segunda é mais problematizável. Kress e van Leeuwen (2006) resumem a distinção ideal-real da seguinte forma:

Se algo é ideal [isto é, está na posição superior de um artefato visual], isso significa que tal elemento é apresentado como a essência idealizada ou generalizada da informação e, portanto, também como a sua parte mais

saliente. O Real é oposto no sentido de que apresenta informações mais específicas (por exemplo, detalhes), dados mais “pé no chão” [*down-to-earth*] (por exemplo, fotografias como evidências documentais, ou mapas e tabelas), ou informações mais práticas (como consequências práticas, diretrizes para ação).¹⁴ (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 186-187, colchetes nossos)

Tal oposição, então, seria um instrumento analítico útil para, entre outras coisas, identificar as operações ideológicas em enunciados pictóricos ou, pelo menos, a ocorrência implícita de juízos de valor. Entretanto, deve-se ressaltar que o uso indiscriminado dessas categorias como índices transparentes de sentidos complexos como conotações ideológicas e/ou avaliativas deve ser evitado, sempre tendo em mente as coerções específicas do contexto em questão - o que inclui, evidentemente, o registro e o gênero discursivo (BATEMAN, 2008).

No caso de postagens de Facebook – que resistem à classificação como gênero, mas inegavelmente apresentam possibilidades e restrições gerais e fundamentais –, tais coerções estão intimamente ligadas às telas descritas acima: a divisão primária entre comentários e tela-base é decisiva na distribuição das possibilidades enunciativas do texto, com o postador em uma posição hierarquicamente privilegiada: ao poder alterar a tela-base, surge a possibilidade da publicação de “edits”, prática que é relativamente normatizada no LDRV, e de outras edições, não explicitadas, como correções posteriores à publicação. Os usuários que participam ativamente do grupo estariam cientes de tais práticas e normas, o que levaria a expectativas relativamente cristalizadas a respeito do que é usual em cada um dos constituintes textuais de uma postagem.

4 Análises

As análises a seguir empreendidas têm como alvo três postagens publicadas no início de 2019 no LDRV. São nomeadas como postagem 1 (P1), postagem 2 (P2) e postagem 3 (P3). Os critérios de seleção foram: apresentar ao menos cem comentários (sendo coletados somente os cem primeiros comentários de cada uma, já que em geral há uma relativa homogeneidade entre os enunciados, como mostraremos nas análises); apresentar

¹⁴No original: “For something to be ideal means that it is presented as the idealized or generalized essence of the information, hence also as its, ostensibly, most salient part. The Real is then opposed to this in that it presents more specific information (e.g. details), more ‘down-to-earth’ information (e.g. photographs as documentary evidence, or maps or charts), or more practical information (e.g. practical consequences, directions for action)”.

matriz multimodal (no caso, com enunciados verbais e ao menos uma imagem estática); e a ocorrência de, no mínimo, um “edit” na tela-base.

P1 foi coletada em 6 de fevereiro de 2019; P2 e P3, em 24 de março do mesmo ano. Os nomes de todos os internautas cujos enunciados são objeto de nossas análises foram ocultados.

Como foi explicitado anteriormente, a base sobre a qual o procedimento analítico é levado a cabo é a decomposição primária da postagem. Assim, segue-se a ordem: matriz verbal, matriz imagética, comentários e “edit”. Tal ordem é empiricamente fundada e promove uma organização da pesquisa, já que objetiva refletir o modo como as diferentes telas interagem entre si e, em última instância, padroniza as análises, facilitando comparações.

4.1 Postagem 1 (P1)

Quadro 1 – Captura de tela e transcrição da tela-base de P1



Transcrição da tela-base:

Vocês também pegam trauma/medo das coisas por conta de filme? Graças a Premonição 3 não entro nem a pau em uma dessas e meu amigo pediu pra vir com ele pra tomar conta e ter certeza que ele n morra kkk

Edit - A gente não mora no BR, aqui nos EUA essa porra é praga. Apparently é ilegal no BR (acho que é melhor assim kkk)

Edit 2- aparentemente a franquia Premonição fudeu a vida de geral. Trauma de escada rolante, oculista, cortador de grama, caminhao com troncos e pistola de prego tdo por conta desses filmes.

Fonte: LDRV, Facebook (http://www.facebook.com/groups/LDRV12/?post_id=1554286155116263).
Acesso em 6 de fevereiro de 2019.

A matriz verbal de P1 pode ser analisada preliminarmente em três etapas. Em primeiro lugar, o postador enuncia uma pergunta genérica sobre experiências “traumáticas” relativas a filmes (*Vocês também pegam trauma/medo das coisas por conta de filme?*); depois, explicita o que poderia ser interpretado como sua resposta particular a tal questionamento (*Graças a Premonição 3 não entro nem a pau em uma dessas*), com uma ligação verbo-pictórica nítida – ver a seguir; finalmente, contextualiza o questionamento e sua resposta, fornecendo como motivação para a postagem uma situação concreta de sua vivência (*e meu amigo pediu pra vir com ele pra tomar conta e ter certeza que ele não morra kkk*).

O questionamento inicial, ao utilizar o sistema de MODO congruentemente com a função discursiva de “demandar informação” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; FARHAT; GONÇALVES-SEGUNDO, 2021b), abre espaço para a interação com os comentários, já que de certa forma “impõe” ao leitor a função de *fornecer* informação – no caso, a “confissão” de experiências pessoais dos interactantes – e, como veremos, isso tem consequências explícitas na relação entre matriz, comentários e “edit”.

Com a “resposta” pessoal do postador, declarativa, a abertura semântica intrínseca ao modo interrogativo é delimitada em torno das experiências particulares do enunciador, tornando o enunciado genérico inicial um pouco mais tangível – e, de certo modo, oferecendo um modelo para as respostas dos comentadores –, mas ainda assim utilizando um presente “atemporal” (*não entro*). Enfim, as orações contextualizadoras, ao explicitarem uma cena de “pedido”, utilizando o pretérito perfeito em um processo verbal (“pediu”), ancoram a postagem em uma situação concreta, o que oferece uma “justificativa” para a publicação em termos de vivências (representadas como) reais, particulares e, possivelmente, até certo ponto incomuns, “justificando” a publicação.

Esquemáticamente, sugerimos que a matriz verbal desenvolve um processo de “desgeneralização semântica”, em que significados ideacionais se acoplam a atitudes (no caso, afetos negativos associados causalmente a objetos), de modo progressivamente mais específico, por meio de relações taxonômicas (cf. MARTIN; ROSE, 2007) de hiponímia (*filme – Premonição 3*) e ligações intermodais (*uma dessas – matriz imagética*):

Quadro 2 – Acoplamentos afiliativos na matriz de P1

Etapa	IDEACÃO	Relação acopladora	ATITUDE
1	obras cinematográficas (<i>filme</i>)	causalidade (<i>por conta de</i>)	[afeto: segurança] [polaridade: negativa] (<i>pegam trauma/medo das coisas</i>)
2	filme específico – objeto traumático (<i>Premonição 3 – uma dessas</i>)	causalidade (<i>Graças a</i>)	[afeto: segurança] [polaridade: negativa] (<i>não entro nem a pau</i>)
3	objeto traumático – máquina “real” (imagem/aparelho de bronzeamento)	causalidade (<i>n morra</i> [por causa da máquina])	[afeto: segurança] [polaridade: negativa] (<i>certeza que ele n morra</i>)

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se que as relações verbo-pictóricas são distintas para cada etapa: enquanto para a primeira, mais genérica, a presença da imagem é irrelevante, nas outras duas o elemento pictórico passa a ser essencial, contribuindo decisivamente para o componente ideacional dos acoplamentos a partir do uso de um dêitico (*dessas*).

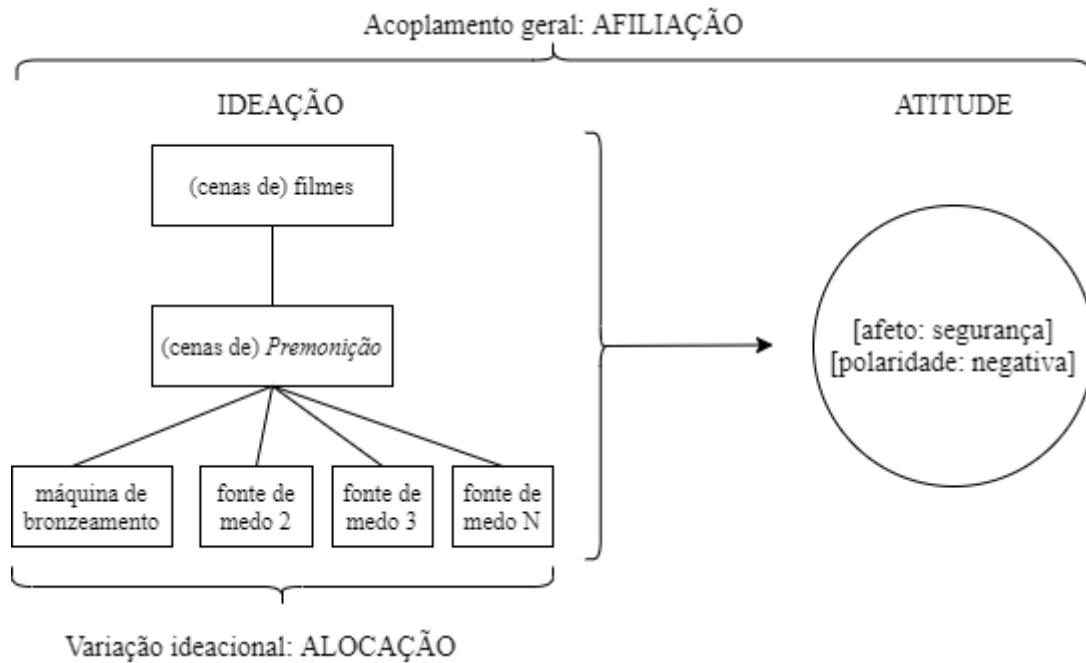
De fato, tal eminência ideacional da imagem é refletida no processo representacional em que se insere: a partir de Kress e van Leeuwen (2006), propomos classificá-la como um caso de representação conceitual e, mais especificamente, um processo analítico, tendo como foco as propriedades do seu participante central: a máquina de bronzeamento, que serve como exemplo (no sentido de Eco (2014, p. 199)) e representa metonimicamente, portanto, toda a sua classe. Assim, recorre-se ao potencial de significação específico da modalidade pictórica para contribuições semânticas que, simplesmente inacessíveis à linguagem verbal, participam da formação de acoplamentos que progressivamente se ancoram em uma situação mais concreta e “real” – o que é refletido pela alta modalidade (*realis*) da fotografia.

Passando aos comentários, seguimos o procedimento proposto em Farhat e Gonçalves-Segundo (2021a): como os enunciados são relativamente homogêneos, categorizamo-los conforme, de modo geral, seu tópico e seu propósito global. Em P1, mais da metade dos comentários coletados parecem oferecer respostas pessoais dos comentadores ao questionamento inicial da matriz, sendo, portanto, análogos à segunda etapa e indicativos

de que o papel “imposto” pelo questionamento inicial aos leitores foi (em parte) efetivo. De fato, quase todos tratam da mesma série de filmes que o postador (*Premonição*), indicando diversos medos e, assim, afiliando-se por meio da reiteração do acoplamento. Por exemplo: C3 – *eu morro de medo de fazer cirurgia no olho por causa desse maldito filme*; C4 – *Não entro nem que me paguem kkkkkkk*; C75 – *Tenho trauma daquele negócio de piscina que suga sujeira, por causa do filme, não entro em piscina com kkkk*. Nota-se também a recorrência de risos, que, assim como os encontrados na matriz verbal, possivelmente sinalizam a incongruência entre o medo enunciado pelos interactantes e sua causa aparentemente ingênua, além de apontarem para uma surpresa (incongruência)¹⁵ diante do fato de que tais medos “inócuos”, supostamente idiossincráticos, são na realidade compartilhados por um grupo relativamente extenso de pessoas.

De modo geral, então, os comentários promovem uma reiteração do acoplamento afiliativo proposto na matriz – o que, evidentemente, é um excelente indicador de um processo de afiliação em operação, mesmo que momentâneo. Porém, há claro espaço para variação: como mencionamos acima, enquanto a atitude é constante (sempre [afeto: segurança] e [polaridade: negativa]), aquilo que de fato é “temido” varia. Isso pode ser interpretado como um sinal de que, subjacente ao processo de afiliação, há um movimento de alocação: a base para a comunhão está em uma homogeneidade relativa, em que os acoplamentos não precisam ser aceitos em seus mínimos detalhes; há uma “tensão identitária” entre afiliar-se ao grupo (ao concordar no hiperônimo “medo cinematográfico”) e ser um membro único (ao discordar no hipônimo). A figura a seguir ilustra tal situação:

¹⁵A incongruência é frequentemente entendida como o elemento fundamental do humor (cf. ATTARDO, 2001).

Figura 4 – Afiliação e alocação em P1

Fonte: Elaboração própria.

Outros comentários, porém, tiveram como foco o elemento ideacional da vinculação afiliativa mais específica da matriz (etapa 3), sem referência à experiência cinematográfica (exemplo: C14 – *Isso dá câncer! :O*). Assim, com pouca variação ideacional, tais comentários instanciam uma estratégia de individuação mais unidirecional: o membro se identifica com a atitude enunciada na matriz, dando menor espaço para o desenvolvimento de uma persona cuja base estaria na experiência distinta com os filmes em questão. Em termos multimodais, tais comentários, por estarem mais próximos da etapa final da matriz, também se aproximam mais da matriz imagética, com a recorrência do dêitico “isso” para a coesão intermodal (C17 – *Olha o tanto de lampada que isso tem Só consifo [sic] imaginar o cancer*).

Por fim, um terceiro grupo de comentários é particularmente relevante porque questiona a legalidade do bronzamento artificial no Brasil e, assim, indiretamente põe em dúvida o próprio “fundamento experiencial” da postagem. Exemplos: C2 – *mas não é proibido?*, C5 – *Isso é proibido no Brasil* e C7 – *Não é proibido?*. Embora minoritária (sete instâncias), tal classe de comentário teve impacto suficiente para ser reconhecida pelo postador, que respondeu a ela em seu primeiro “edit” – ao qual passamos agora.

Escreve-se: *A gente não mora no BR, aqui nos EUA essa porra é praga. Aparentemente é ilegal no BR (acho que é melhor assim kkk)*. O postador nega as assunções dos comentadores de que a experiência em questão se daria no Brasil, restando possíveis acusações de ilegitimidade da postagem (por vezes apreciadas negativamente no grupo como *fics* – “ficções”); ao mesmo tempo, reitera as avaliações negativas da matriz, reforçando a base atitudinal da afiliação – porém, como os alvos da atitude são, aqui, as máquinas em si, e não as emoções do postador, temos um caso de *apreciação* negativa (*praga*).

No segundo “edit”, porém, as atitudes são justamente as indicadas na matriz e retomadas nos comentários. O postador reitera a principal fonte de “traumas cinematográficos” (*a franquia Premonição*) e lista sumariamente alguns dos mais comuns. Dessa forma, fica evidente a importância dos significados atitudinais e, mais especificamente, das instâncias de afeto em P1, que, ao se vincularem a ideias de diferentes graus de especificidade, permitem estratégias de individuação que simultaneamente firmam identidades pessoais e proporcionam uma afiliação. O segundo “edit” reconhece tal processo, sintetizando-o e, desse modo, ressaltando sua importância.

4.2 Postagem 2 (P2)

Quadro 3 – Captura de tela e transcrição da tela-base de P2



Transcrição da tela-base:

vc's já sofreram muito por terminarem alguma série? acabei friends agora e tô sentindo uma dor real SOCORRO

edit1 (muito cedo?): to vendo as manas comentando, e também sofri horrores quando terminei glee, série do milênio

Fonte: LDRV, Facebook (www.facebook.com/groups/LDRV12/?post_id=1618272855384259). Acesso em 24 de março de 2019.

A matriz verbal de P2 se assemelha à de P1, apresentando um “percurso de especificação semântica” em duas etapas: primeiro, questiona-se se *vcs já sofreram muito por terminarem alguma série?*, com a abertura da pergunta permitindo réplicas diversas; depois, o postador fornece sua própria resposta, ancorando a postagem em uma experiência concreta – *acabei friends agora e tô sentindo uma dor real SOCORRO*.

A matriz imagética, por sua vez, é constituída por uma fotografia promocional da série *Friends* e, portanto, associa-se fortemente à segunda etapa da matriz verbal. Nos termos de Kress e van Leeuwen (2006), propomos classificar a imagem como uma representação conceitual, provavelmente uma taxonomia implícita em que os participantes representados são membros de uma mesma classe: “personagens de *Friends*”.¹⁶ Como veremos, apesar de a imagem ser aparentemente “dispensável”, a série *Friends* foi frequentemente citada, o que pode ser em parte resultado do uso do potencial do modo pictórico: visto que os objetos em discussão, “séries”, são intrinsecamente visuais, a visualidade pode ter tido particular importância para o engajamento interativo com a postagem, possivelmente suscitando maior proximidade com memórias avaliativas da série em questão.

Assim como em P1, os acoplamentos afiliativos se estruturam segundo o percurso de especificação semântica, com a imagem contribuindo especialmente para a IDEIAÇÃO na segunda etapa:

Quadro 4 – Acoplamentos afiliativos na matriz de P2


Etapa	IDEIAÇÃO	Relação acopladora	ATITUDE
1	(término de) séries televisivas (<i>terminarem alguma série</i>)	causalidade (<i>por</i>)	[afeto: felicidade] [polaridade: negativa] (<i>sofreram muito</i>)
2	(fim de) série específica (<i>acabei friends agora / matriz imagética</i>)	causalidade/ (formalmente) adição (<i>e</i>)	[afeto: felicidade] [polaridade: negativa] (<i>tô sentindo uma dor real SOCORRO</i>)

¹⁶ Deve-se considerar, porém, que a representação conceitual não é a única: há, “encaixadas” na estrutura conceitual, diversas estruturas narrativas que se ancoram nos vetores entre os participantes, especialmente casos de reação (estabelecidos por vetores de olhar).

Fonte: Elaboração própria.

A primeira etapa fornece o hiperônimo para a afiliação geral, enquanto a segunda apresenta uma especificação possível e, assim, oferece um modelo para as respostas particulares dos comentadores.

Nos comentários, mais uma vez P2 segue a organização de P1: utiliza-se o hiperônimo do estágio inicial da matriz para a enunciação de hipônimos mais específicos que, ao acoplarem-se a significados atitudinais, tornam-se vínculos afiliativos. Concorda-se no hiperônimo e discorda-se no hipônimo, mediando ideacionalmente a identidade individual com a comunitária. Quanto à atitude, embora seja comum a reiteração de afetos negativos, também se encontram apreciações positivas (C53 – *AMOOOOOO*, embora aqui se esteja no limite entre a apreciação e o afeto) que devem estar articuladas logicamente da seguinte maneira: “**aprecio** a série X; logo, fiquei **triste** com seu fim”; em outros casos, simplesmente enuncia-se a ideiação, com a atitude implícita (C52 – *Gossip Girl e Pretty Little Liars*; C44 – *Dexter*).

Embora o uso de outros hipônimos seja comum, é notável que mais da metade dos comentários de P2 trate exatamente de *Friends*, a série mencionada na matriz. Como em P1, tais ocorrências podem ser vistas tanto como decorrência do uso da matriz como “modelo” para os comentários, quanto resultado da grande popularidade da obra em questão. Seja como for, tais vínculos apresentariam uma afiliação menos nuançada, já que seguiram exatamente a mesma ideiação da matriz; isso, porém, é em parte remediado por especificações na construção da experiência com a série, que é representada, por exemplo, como seguindo um *loop*: C26 – *Eu já assisti friends mais de dez vezes e toda vez que termino fico triste* ; C35 – *eu termino friends, começo friends*. Há ainda espaço para vínculos mais dissonantes (C42 – *gente por deus superem friends*) – porém, sendo raros, indicam uma certa homogeneidade afiliativa.

O “edit” desta postagem é especialmente relevante porque traz, com sua marcação, um enunciado metadiscursivo em parênteses: (*muito cedo?*). Pode-se interpretar tal questionamento como índice da compreensão de que as normas do grupo postulariam, como sugerimos em nossa decomposição primária, uma diferença temporal entre a publicação da matriz e a dos “edits”. Porém, como tal norma é tácita, nunca explicitamente “promulgada”, há a possibilidade de “dúvidas” como a aqui presente. De

qualquer modo, o “conteúdo” do “edit” segue o padrão visto na segunda edição de P1: *to vendo as manas comentando, e também sofri horrores quando terminei glee, série do milênio*. O postador reconhece vínculos apresentados nos comentários e com eles comunga, instanciando tanto um afeto negativo (*sofri horrores*) como uma apreciação positiva pela série em questão (*série do milênio*). Desse modo, verifica-se como “edits” são estratégicos para a reafirmação da postagem como espaço de uma interação altamente afiliativa, em que *personae* comungam na semelhança e nas (quase nunca demasiadas) diferenças.

4.3 Postagem 3 (P3)

Quadro 5 – Captura de tela e transcrição da tela-base de P3



Transcrição da tela-base:

Será que consigo entrar no show de Sandy&Junior com esse ingresso?

SandyEdit: Fui ouvir “As quatro estações” e virei tour

JuniorEdit: Chocada com essa galera que não era nascida

TuruturuEdit: 30% Estão pesquisando o salário mínimo de 1998, 60% estão calculando quantos anos tinham na época e 10% estão se sentindo velhos por ver muita gente que nem era nascido, inclusive eu

Fonte: LDRV, Facebook (www.facebook.com/groups/LDRV12/?post_id=1618291998715678). Acesso em 24 de março de 2019.

Enquanto P1 e P2 apresentaram uma organização bastante semelhante, P3 destoa fortemente, a começar pela diferença no que Matthiessen (2009) chama de “divisão do

trabalho semiótico”, isto é, a importância relativa que os diferentes modos semióticos instanciados em um texto podem ter. P1 e P2 nitidamente priorizam a linguagem verbal, enquanto em P3 o foco estaria sobre a imagem. Isto explicaria por que a matriz verbal é tão sucinta, simplesmente enunciando: *Será que consigo entrar no show de Sandy&Junior com esse ingresso?*

Trata-se de um questionamento e, portanto, há um paralelo com as primeiras etapas de P1 e P2, embora aqui a pergunta aqui pareça ser “retórica” – isto é, sua função discursiva está mais próxima à de uma declaração, e não propriamente de uma pergunta, fornecendo incongruamente uma informação com polaridade oposta ao que se está aparentemente demandando (cf. HAN, 2002; FARHAT; GONÇALVES-SEGUNDO, 2021b) – o que se reflete na raridade de comentários interpretáveis como “respostas”, como veremos a seguir. A subordinação do enunciado verbal à imagem é refletida na necessidade incontornável de ler a matriz imagética para a compreensão do questionamento, com um demonstrativo (*esse*) novamente estabelecendo a ligação intermodal.

A matriz imagética de P3 é uma fotografia não profissional em que se veem três elementos: na parte superior, um ingresso para uma apresentação da dupla Sandy e Junior, datado de julho de 1998; abaixo, duas fotografias, aparentemente recortadas, dos músicos quando jovens. Pela ausência de vetores e pela simetria com que os três elementos estão arranjados, propomos, partindo de Kress e van Leeuwen (2006), analisar a imagem como uma representação conceitual e, mais especificamente, como um processo classificatório, constituindo uma taxonomia implícita entre os elementos: “o Superordenado é inferido das semelhanças que o espectador pode perceber como existentes entre os Subordinados”¹⁷ (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 79). No caso, sugerimos que se inferiria o *status* da dupla no final dos anos 1990, tanto como celebridades iconizadas (nas fotos) quanto como promotores de eventos cobiçados (indicados pelo ingresso).

É quase certo, porém, que o elemento mais saliente da imagem é o ingresso, não somente por sua posição superior, mas especialmente por ser, em si mesmo, um artefato multimodal complexo – e ser justamente o participante reiterado verbalmente na matriz. Há alto potencial humorístico no contraste entre informações contidas em tal artefato

¹⁷No original: “the Superordinate is inferred from such similarities as the viewer may perceive to exist between the Subordinates”.

(data, preço, local, etc.) e a possibilidade, sugerida verbalmente, do seu uso concreto (cf. ATTARDO, 2001), gerando uma incongruência entre o possível (ir a uma apresentação de Sandy e Junior em 2019) e o impossível (utilizar, para isso, um ingresso de 1998). Isso indica que, diferentemente de P1 e P2, que se ancoravam em vivências individuais, mas relativamente comuns, a ancoragem experiencial de P3 se deve a sugestões fora do ordinário e, no caso, possivelmente divertidas e descontraídas.

Três grandes categorias de comentários cobrem quase 80% das instâncias coletadas. A mais comum (cerca de 40%) foca no preço visível no ingresso da matriz e, portanto, tangencia instâncias atitudinais apreciativas – mais especificamente, a questão da valoração do ingresso. Embora possa haver uma impressão de objetividade quanto a tal aspecto, é necessário lembrar que o valor de um objeto só existe em seu contexto sócio-histórico preciso, o que se reflete, por exemplo, na existência da inflação. Além disso, tem de se considerar que, à época da publicação de P3, houve uma “polêmica” acerca dos preços de novos shows da dupla, que foram percebidos como exacerbados – e, de fato, tal situação geral serve de plano de fundo para toda a interação, tendo possivelmente motivado a publicação da postagem. Assim, o tópico “preço do ingresso” se mostrou, nos comentários, frutiferamente polemizável: enquanto alguns tratam do preço como baixo se comparado aos da época (C19 – *Olha a diferença de preço, haha*), outros sinalizam que a entrada sempre foi “cara”: C41 – *Tá explicado o preço de hj. Quase 30% do salário mínimo de 1998.*

A segunda categoria mais comum, com cerca de um terço do total, trata do aspecto temporal inscrito nos ingressos. Mais especificamente, os comentadores explicitam a idade que tinham à época do evento ou simplesmente indicam surpresa pela “antiguidade” do artefato: C44 – *Mds eu só nasci 3 meses depois desse show*, C5 – *Caramba ano que eu nasci kkkkkkkk*, C53 – *98! kkkkkkkk*. Assim como o preço, então, a distância temporal entre a interação e a datação no elemento pictórico oferece um profícuo eixo comum para a expressão de significados eminentemente interpessoais, visíveis particularmente na presença da primeira pessoa (*eu nasci...*), de expletivos (*Mds* (=“Meu Deus”), *Caramba*) e no uso de exclamações. Portanto, a experiência idiosincrática de cada interactante serve de base para “microperformances” identitárias cuja variação é sutil, mas significativa.

Finalmente, a terceira classe mais frequente, com dez instâncias, agrupa “respostas” ao questionamento da matriz verbal, cuja baixa frequência (se comparada às classes análogas em P1 e P2) é atribuível à natureza “retórica” da pergunta respondida. De fato, alguns de tais comentários parecem irônicos, em consonância com o tom humorístico da postagem: o C37 – *Confio na sua persuasão, vai lá!*, C54 – *Acredito que sim*. Outros, porém, aparentam maior seriedade: C84 – *Posta no twitter e marca eles;* C90 – *Tu ganha mais vendendo esse ingresso*.

Há três “edits” em P3, todos com marcações “criativas”: *SandyEdit*, *JuniorEdit* e *TuruturuEdit*. Enquanto as duas primeiras claramente se associam ao tópico da postagem, a terceira parece fazer alusão à canção “Quando Você Passa (Turu Turu)”, o que exigiria um conhecimento mais específico por parte do leitor – e, portanto, pode pressupor, por parte dos interactantes, certo grau de afiliação em torno da dupla. Além disso, a presença de tais marcações inventivas parece ser um índice de consonância entre o tom “descontraído” da matriz e os “edits”, sinalizando, de modo geral, um tom jocoso bastante comum no LDRV e, de modo mais amplo, nas interações digitais (cf. DEUMERT, 2014).

No primeiro “edit”, escreve-se: *Fui ouvir ‘As quatro estações’ e virei tour*, instanciando uma construção comum no LDRV, utilizada em “edits” para demarcar o êxito (virar “tour”) de uma postagem, ajustando-se, por exemplo, ao seu tópico: “fui [fazer algo] e virei tour”. A ubiquidade de tal construção pode ser atribuída a uma “cultura da fama repentina” no LDRV, em que se dá grande valor ao “sucesso” de uma postagem. Além disso, um “edit” como esse pode ser útil ao leitor, que já é prontamente “avisado” do fato de que tal postagem foi exitosa.

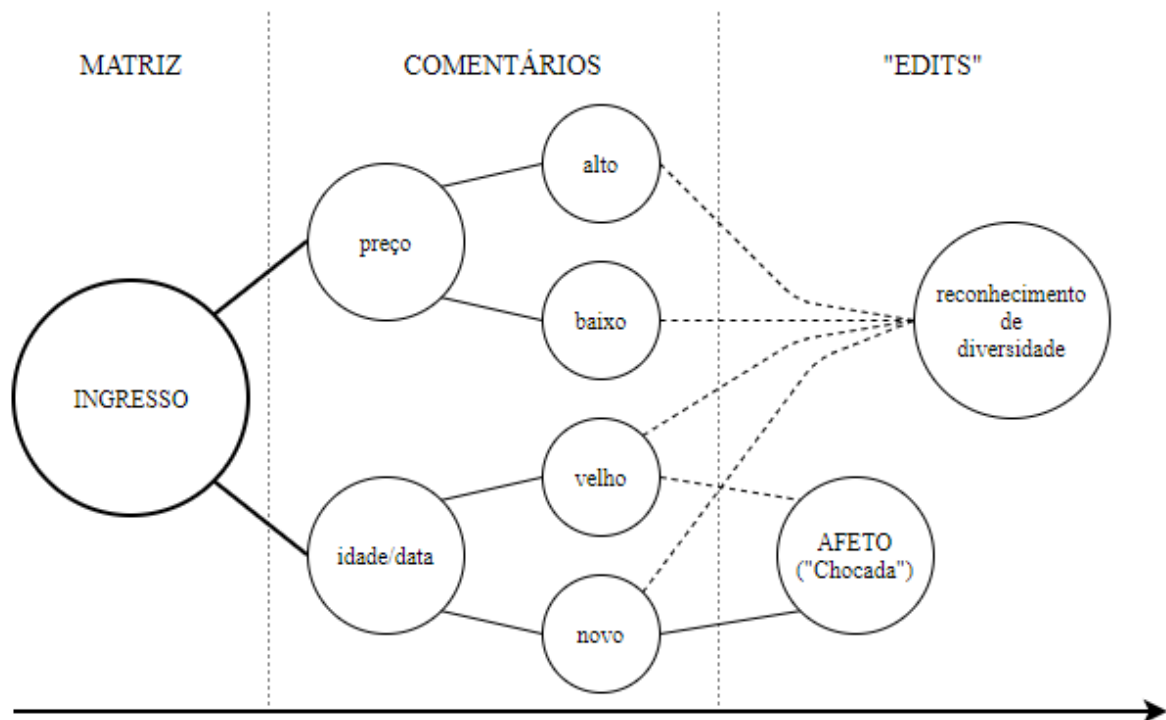
A segunda edição, por sua vez, retoma a questão da idade dos interactantes face à data indicada no ingresso: *Chocada com essa galera que não era nascida*. O postador, portanto, atribui significados atitudinais (afetivos, no caso) a parte dos comentários, gerando um contraste interpessoal relevante, mas não suficientemente forte para, por exemplo, ocasionar algum conflito: parece haver, ao mesmo tempo, um reconhecimento da “surpreendente” variedade etária dos membros e uma aceitação implícita da diversidade, o que se refletiria no uso do lexema “galera”, possível índice de intimidade.

Por fim, o último “edit” apresenta um “levantamento estatístico” dos comentários, algo aparentemente comum em postagens do grupo: *30% Estão pesquisando o salário mínimo*

de 1998, 60% estão calculando quantos anos tinham na época e 10% estão se sentindo velhos por ver muita gente que nem era nascido, inclusive eu. Embora as porcentagens apresentadas não correspondam às encontradas neste trabalho, estão presentes os dois principais tópicos verificados: questões “financeiras” (preço, salário, inflação, etc.) e “temporais” (idade, data de nascimento, velhice, etc.). Mais uma vez, portanto, verifica-se a pertinência da sequência interacional matriz^comentários^“edits”.

De fato, pode-se considerar que tal “percurso interativo” serve, de algum modo, para “estabilizar” os significados que, estimulados pela “extraordinariedade” da matriz, são amplamente discutidos nos comentários. A “objetividade” (isto é, a “inegociabilidade”) sugerida pela alta modalidade da matriz imagética e pelos números lidos no ingresso é questionada interacionalmente nos comentários, sugerindo oposições polemizáveis; os “edits”, finalmente, reconhecem tal variedade e, embora ainda haja significados atitudinais proeminentes, a diversidade geral é reafirmada “numericamente”, sobrepondo discursivamente “objetividade” e “subjetividade”: o “real” só é “real” quando negociável. Tal processo é representado esquematicamente na Fig. 5:

Figura 5 – Percurso interacional de P3

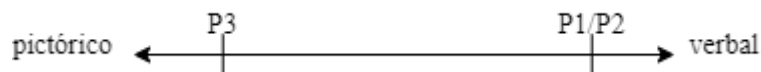


Fonte: Elaboração própria.

5 Discussão dos resultados

Propomos sistematizar os resultados das análises em torno de quatro *continua* semântico-discursivos. O primeiro diz respeito às questões verbo-pictóricas: como sugerimos acima, há uma diferença significativa na “divisão do trabalho semiótico” (MATTHIESSEN, 2009), isto é, entre a importância das matrizes imagéticas de P1 e P2 e a de P3. Nas primeiras, a imagem ocupa uma posição “subordinada” aos enunciados verbais, contribuindo particularmente para a ideação das seções “finais” da matriz verbal; em P3, por outro lado, a imagem é nitidamente imprescindível, enquanto a matriz verbal é mais auxiliar, embora seu papel não possa ser negligenciado. O reconhecimento da continuidade entre tais posições também permite a teorização de posições intermediárias, próximas do *relais* de Barthes (1964). Esse *continuum* de “nuclearidade semiótica” da matriz é esquematizado na Fig. 6.

Figura 6 – Nuclearidade semiótica da matriz



Fonte: Elaboração própria.

Como esta pesquisa não é quantitativa, não pretendemos afirmar que um ou outro polo seria mais comum no LDRV ou mesmo na plataforma em questão. Porém, a escala indica a importância de se tomar a nuclearidade semiótica como parâmetro para a análise. Caso contrário, pouca atenção pode ser dada a elementos que, na realidade, são imprescindíveis para a interação (um risco alto quando a análise é monomodal ou é demasiado impressionística para modos não-verbais). O parâmetro pode também ser central na descrição comparativa de práticas multimodais distintas: por exemplo, em Farhat e Gonçalves-Segundo (2021a), observou-se que postagens instanciando “pedidos de ajuda” subordinam ideacionalmente a imagem à matriz verbal, embora o modo pictórico tenha nítida importância interpessoal (como “evidencial pictórico” e estratégia de polidez multimodal).

Outro *continuum*, mais abstrato, mas certamente relevante para a análise minuciosa de diferentes práticas multimodais, diz respeito à *telicidade* de uma postagem – ou, possivelmente, de qualquer interação. Em um polo, estariam as postagens **exotélicas**,

como os “pedidos de ajuda” referidos acima, que têm claro propósito “prático” e “externo” à própria interação (por exemplo, ajuda para encontrar um animal perdido, contribuir para um financiamento coletivo, etc.); no outro, encontraríamos postagens como as analisadas neste artigo: embora aparentemente “apráticas”, tais interações definitivamente não são inúteis – ao contrário, há um propósito voltado à própria interação. São postagens **autotélicas**, em que se interage “por amor à interação” e por seus potenciais identitários, lúdicos, etc.¹⁸ A Fig. 7 a seguir ilustra o *continuum*:

Figura 7 – *Continuum* de telicidade interacional



Fonte: Elaboração própria.

Deve-se ter em mente, porém, que é pouquíssimo provável que uma postagem possa ser *puramente* autotélica ou exotélica; parece-nos que, embora frequentemente as interações pendam na direção de uma ou outra extremidade, seria, por exemplo, difícil atribuir absoluta exotelicidade para um pedido, já que mesmo em tais atos há, entre outras coisas, aspectos identitários ou lúdicos em jogo. Analogamente, sempre haverá ao menos um mínimo de exotelicidade em qualquer interação predominantemente autotélica, desde que se reconheça que os enunciadores têm vidas externas à interação e que qualquer atividade interativa terá algum impacto para além da performance semiótica em si, por menor que seja.¹⁹ De qualquer modo, o *continuum* de telicidade pode ser um parâmetro altamente relevante para, por exemplo, distinguir diferentes espaços de plataformas como o Facebook. Por exemplo, é possível que o LDRV tenda para a autotelicidade, enquanto grupos mais ancorados em comunidades não-virtuais (profissionais, acadêmicas, etc.)

¹⁸A distinção entre interações exotélicas e autotélicas é semelhante à divisão que Fairclough (2003), inspirando-se em Habermas (1984), faz entre ação estratégica e ação comunicativa. O *continuum* que propomos é, porém, de nível mais “meso”, enquanto Fairclough (2003) tem como alvo especialmente as questões “macro” implicadas pelas diferentes ações, como problemáticas ideológicas. A distinção mais próxima da que propomos aqui é a proposta por Eggins e Slade (1997) entre conversação “casual” e conversação “pragmática”; a escala de telicidade seria, porém, aplicável a qualquer interação: postagens, teses, romances, etc. Ver também as considerações de Hasan (1995, 1999) sobre ação verbal “prática”, “conceitual” e “relacional”.

¹⁹Por exemplo, Berger e Luckman (1966) atribuem à conversação (casual), prática geralmente caracterizada como autotélica (mesmo sem utilizar tal termo – cf. EGGINS; SLADE, 1997; ANDRÉ-LAROCHEBOUVY, 1984), a “finalidade” (implícita) de manter estável a “realidade subjetiva” dos falantes.

poderiam ser predominantemente exotéticos. Para isso, porém, são necessárias pesquisas quantitativas.

Como indicamos ao longo das análises, tais postagens autotéticas parecem ser particularmente férteis em termos de individuação: divisam-se estratégias para indicar identidades individuais, comunitárias e, fundamentalmente, um espaço entre tais opostos complementares. Pode-se afirmar que há, assim, diversos graus de *afiliatividade*, o que ficaria nítido se levássemos em conta interações altamente polêmicas, em que boa parte do texto se dedicaria justamente a uma demarcação identitária forte, conflituosa. Porém, mesmo entre as postagens aqui analisadas, nitidamente afiliativas, é possível identificar diferenças sutis, mas relevantes, em termos do quão homogêneo (ou não) é o processo de afiliação. Assim, enquanto P1 apresenta um caso intermediário, com o sistema de IDEAÇÃO permitindo uma variação considerável, mas controlada (concorda-se no hiperônimo, discorda-se no hipônimo), P2 é visivelmente mais afiliativa, com grande quantidade de comentários focando em um só hipônimo. P3, em contraste, não parece fazer uso dos vínculos afiliativos teorizados por Knight (2010), com a “comunhão” ocorrendo em torno de um artefato que, percebido comunitariamente como “admirável” ou “extraordinário”, fornece um eixo em torno do qual identidades diversas são realizadas, até com certo risco de conflito, mas nunca suficientemente sério: as diferenças entre os membros até são classificadas como “chocantes”, mas são sobretudo *reconhecidas* – e, portanto, em certo sentido, validadas. O *continuum* de afiliatividade seria, então, esquematizado na Fig. 8:

Figura 8 – *Continuum* de afiliatividade



Fonte: Elaboração própria.

Finalmente, o quarto *continuum* trata de uma distinção que nos parece ser particularmente relevante para comparar práticas multimodais internas ao LDRV, embora seja potencialmente aplicável a textos externos ao grupo. Trata-se de uma escala de *ordinariedade*, isto é: do quanto o tópico apresentado na matriz de uma postagem é tratado como ordinário ou extraordinário. Como se verificou nas análises, ambos os polos podem fornecer frutífero terreno para interações afiliativas: em P1 e P2, a exposição de

um vínculo afiliativo ordinário – e, portanto, altamente comungável – serve de base para o funcionamento interacional (e, portanto, para o seu “sucesso”), enquanto em P3 é um artefato “extraordinário” que estimula a interação, sendo a sua percepção como admirável, divertido, etc. que está em comunhão. Portanto, tal *continuum* é particularmente útil para a identificação da base semântico-discursiva sobre a qual a interação se desenrola – e, com ela, identidades, afiliações, conflitos, etc.

Figura 9 – *Continuum* de ordinaryidade



Fonte: Elaboração própria.

As considerações feitas até aqui apresentam parâmetros relevantes para análises no interior e no exterior do LDRV, mas são somente um passo na direção do objetivo global desta pesquisa como um todo: caracterizar práticas discursivas multimodais do LDRV e, portanto, oferecer uma abordagem de tal ambiente interacional a partir de considerações sociopragmáticas (cf. LEECH, 1983) e semântico-discursivas. Como mencionamos acima, a escala de telicidade parece ser particularmente promissora para tal tipo de abordagem, classificando diferentes espaços de acordo com suas tendências télicas. Nossa pesquisa, não sendo quantitativa, não ousa oferecer tal classificação ao LDRV; porém, baseando-nos tanto nas análises presentes aqui como na investigação de treze outras postagens, propomos discutir, na sequência, a hipótese de que o LDRV tenderia a postagens autotélicas, com boa parte de suas interações focando em atividades afiliativas, lúdicas e por vezes humorísticas.

Para fundamentar tal hipótese, é oportuno observar como a própria administração do grupo o define: “[...] um grupo de humor com enfoque no público LGBT, que tem como objetivo principal tornar-se uma válvula de escape dos tormentos cotidianos com postagens descontraídas e discussões saudáveis.”²⁰ Não nos deteremos em uma análise detalhada desse enunciado, mas tal descrição é particularmente útil para entender como os próprios membros do LDRV o veem: o grupo é definido em torno de questões discursivas (“grupo de humor”, “com postagens descontraídas e discussões saudáveis”),

²⁰Disponível em: www.facebook.com/groups/LDRV12. Acesso em 31 de outubro de 2020.

identitárias (“com enfoque no público LGBT”) e, justamente, *télicas* (“tem como objetivo principal tornar-se uma válvula de escape dos tormentos cotidianos”). Se, a partir das análises propostas e de tal descrição metadiscursiva, considerarmos que a hipótese de o LDRV como grupo interacionalmente autotélico tem alguma fundamentação empírica, é possível recorrer a outros conceitos, mais desenvolvidos e sócio-historicamente ancorados, como o de “terceiro lugar” (*third place*) (OLDENBURG, 1989). Tal noção foi retomada por pesquisadores de comunidades virtuais (p. ex. RECUERO, 2001) e sua aplicação a ambientes digitais é assim sintetizada por Deumert (2014, p. 42):

são novos espaços públicos e semipúblicos onde mesmo conversas sérias são pontuadas por risos e em que elementos lúdicos podem irromper a qualquer momento, permitindo-nos uma trégua momentânea das responsabilidades diárias do trabalho/escola e da família²¹

O LDRV, então, poderia ser exploratoriamente descrito como um “terceiro lugar”, caracterizado globalmente por uma minimização da distância social entre os participantes, o que pode ser atribuído à remediação do colapso de contexto a partir do uso das *affordances* da plataforma do Facebook. Como consequência, tal ambiente forneceria um contexto particularmente propício para performances identitárias, especialmente as afiliativas, entre grupos como a comunidade LGBTQIA+, cuja não conformidade em relação à heteronormatividade não é de fácil enunciação em ambientes cujo contexto “colapsou”. O resultado concreto de tal situação seria a grande frequência de postagens como as analisadas neste artigo: autotélicas e altamente afiliativas.

Tais considerações estão em total consonância com, por exemplo, as ponderações de Szabla e Blommaert (2020), que se mostram céticos com a generalização do colapso de contexto como uma característica definidora das plataformas de rede social:

Mesmo que a Web 2.0 tenha criado ferramentas que permitem a construção de modos de interação extremamente complexos [...], e mesmo que tais graus de complexidade não tenham equivalente no mundo das interações offline, na realidade as pessoas parecem saber dar a volta por cima de tal situação.²² (SZABLA; BLOMMAERT, 2020, p. 277, tradução nossa).

²¹No original: “they are new public and semi-public spaces where even serious conversation is punctuated by laughter and the play element can break through any moment, allowing us a moment’s respite from the daily responsibilities of work/ school and family”.

²²No original: “Even if the Web 2.0 has shaped tools affording the construction of terribly complex modes of interaction [...] and even if such degrees of complexity have no equivalent in the offline world of interaction, people actually appear to know their way around.”

6 Considerações finais

O quadro geral apresentado em nossa discussão aponta para o fato de que, como indicamos na introdução deste artigo, as plataformas digitais não são só complexas em termos das interações que possibilitam, mas também na própria organização de seus espaços internos, que permitem diversos contextos distintos para, conseqüentemente, uma miríade de práticas multimodais - com destaque, como apresentamos ao longo deste artigo, para aquelas práticas que se voltam, mesmo que sutilmente, para a construção discursiva de identidades e comunidades.

Reconhecer tal quadro heterogêneo em sua riqueza semântico-discursiva é um alerta contra qualquer generalização sobre o “discurso do Facebook” e, ao mesmo tempo, um convite para pesquisas sérias que se empenhem em reconhecer a diversidade da plataforma em seus contextos e práticas. Dentro e fora dos grupos de Facebook, há ainda muito o que pesquisar.

REFERÊNCIAS

ATTARDO, S. *Humorous Texts: A Semantic and Pragmatic Analysis*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2001.

ANDRÉ-LAROCHEBOUVY, D. *Introduction à l'analyse sémio-linguistique de la conversation*. Paris: Didier: 1984.

ANDROUTSOPOULOS, J. *Languageing when contexts collapse: Audience design in social networking*. *Discourse, Context & Media*, v. 4-5, p. 62–73, 2014.

BARTHES, R. *Rhétorique de l'image*. *Communications*, n. 4, p. 40-51, 1964.

BATEMAN, J. A. *Multimodality and Genre: A Foundation for the Systematic Analysis of Multimodal Documents*. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

BATEMAN, J. A.; WILDFEUER, J.; HIIPALA, T. *Multimodality – Foundations, Research and Analysis: A Problem-Oriented Introduction*. Berlin: Walter de Gruyter, 2017.

BENWELL, B.; STOKOE, E. *Discourse and Identity*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge*. New York: Anchor Books, 1966.

COHEN, A. P. *Self consciousness: An alternative anthropology of identity*. London: Routledge, 1994.

DEUMERT, A. The performance of a ludic self on social network(ing) sites. *In*: SEARGEANT, P.; TAGG, C. (org.) *The Language of Social Media: Identity and Community on the Internet*. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

ECO, U. *Tratado Geral de Semiótica*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

EGGINS, S.; SLADE, D. *Analysing Casual Conversation*. London: Cassell, 1997.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: Textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FARHAT, T. C.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. “Manas, preciso de ajuda”: análise de pedidos de ajuda multimodais de um grupo de Facebook. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*, v. 14, n. 1, p. 1-19, 2021a.

FARHAT, T. C.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. A semântica das perguntas em português brasileiro: uma proposta sistêmico-funcional. *Revista do GEL*, v. 18, n. 2, p. 35-65, 2021b.

GALLAGHER, J. R. Five strategies internet writers use to “continue the conversation”. *Written Communication*, v. 32, n. 4, 2015, p. 396-425.

HABERMAS, J. *Theory of Communicative Action*. Vol. 1. London: Heinemann, 1984.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. New York/London: Routledge, 2014.

HAN, C. Interpreting interrogatives as rhetorical questions. *Lingua*, v. 112, n. 3, p. 201-229, 2002.

HASAN, R. The Conception of Context in Text. *In*: FRIES, P. H.; GREGORY, M. (org.) *Discourse in Society: Systemic Functional Perspectives*. Norwood, N. J.: Ablex, 1995. p. 183-283.

- HASAN, R. Speaking with reference to context. *In: GHADESSY, M. (org.) Text and Context in Functional Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 219-328.
- HERRING, S. C. Computer-mediated discourse analysis: an approach to researching online communities. *In: BARAB, S. A., KLING, R., & GRAY, J. H. (org.) Designing for Virtual Communities in the Service of Learning*. New York: Cambridge University Press, 2004. p. 338-376.
- HERRING, S. C. The Coevolution of Computer-Mediated Communication and Computer-Mediated Discourse Analysis. *In: BOU-FRANCH, Patricia; BLIVITCH, Pilar (org.) Analyzing Digital Discourse: new insights and future directions*. London: Palgrave MacMillan, 2019. p. 25-67.
- KNIGHT, N. K. Wrinkling complexity: concepts of identity and affiliation in humour. *In: BEDNAREK, M.; MARTIN, J. R. (org.) New Discourse on Language: Functional Perspectives on Multimodality, Identity, and Affiliation*. London: Continuum, 2010. p. 35-58.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. 2. ed. London/New York: Routledge, 2006.
- LEECH, G. *Principles of Pragmatics*. London: Longman, 1983.
- MARTIN, J. R. Semantic Variation: Modelling Realisation, Instantiation and Individuation in Social Semiosis. *In: BEDNAREK, M.; MARTIN, J. R. (org.) New Discourse on Language: Functional Perspectives on Multimodality, Identity, and Affiliation*. London: Continuum, 2010. p. 1-34.
- MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Working with Discourse: Meaning beyond the clause*. 2. ed. Continuum: London, 2007.
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.
- MARTIN, J. R.; ZAPPAVIGNA, M.; DWYER, P.; CLÉIRIGH, C. Users in Uses of Language: Embodied Identity in Youth Justice Conferencing. *Text and Talk*, v. 33, n. 4-5, p. 467-96, 2013.
- MARWICK, A. E.; BOYD, D. I tweet honestly, I tweet passionately: Twitter users, context collapse, and the imagined audience. *New Media & Society*, v. 13, n. 1, p. 114-133, 2011.
- MATTHIESSEN, C. M. I. M. Multisemiosis and context-based register typology: Registerial variation in the complementarity of semiotic systems. *In: VENTOLA, E.;*

GUIJARRO, A. J. M. (org.). *The World Told and the World Shown: Multisemiotic Issues*. Palgrave Macmillan, London, 2009. p. 11-38.

NASCIMENTO, R.; BEZERRA, F.; HEBERLE, V. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. *Linguagem & Ensino*, v. 14, n. 2, p. 529-552, jul./dez. 2011.

O'HALLORAN, K.; WIGNELL, P.; TAN, S. 'Doing critical discourse studies with multimodality: from metafunctions to materiality' by Per Ledin and David Machin. *Critical Discourse Studies*, v. 16, n. 5, p. 514-521, 2019.

OLDENBURG, R. *The Great Good Place: Cafés, Coffee Shops, Community Centers, Beauty Parlors, General Stores, Bars, Hangouts, and How They Get You Through the Day*. New York: Paragon House, 1989.

RAMOS, J. S. Subjetivação e poder no ciberespaço. Da experimentação à convergência identitária na era das redes sociais. *Vivência: Revista de Antropologia*, v. 1, n. 45, p. 57-76, 18 nov. 2015.

RECUERO, R. C. Comunidades Virtuais – uma abordagem teórica. *In: Anais do Seminário Internacional de Comunicação*. Porto Alegre: PUCRS, 2001. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/teorica.pdf>. Acesso em: 31 out. 2020.

SZABLA, M.; BLOMMAERT, J. Does context really collapse in social media interaction? *Applied Linguistics Review*, v. 11, n. 2, p. 251-279, 2020.

VAN LEEUWEN, T. *Introducing Social Semiotics*. London/New York: Routledge, 2005.

VAN LEEUWEN, T. Multimodality. *In: TANNEN, D. et al. (org.) The Handbook of Discourse Analysis*. 2a ed. Chichester: Wiley Blackwell, 2015. p. 447-465.

NOTAS DE AUTORIA

Theodoro Casalotti Farhat (theo.cfar@gmail.com) - Graduando do curso de Letras (habilitação em português e linguística) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Realizou Iniciação Científica em análise do discurso digital, participando do projeto "Práticas discursivas em mídias digitais: interatividade e metaforicidade" como bolsista do Programa Unificado de Bolsas de Estudos para Apoio e Formação de Estudantes de Graduação da USP. Tem como principais interesses de pesquisa os estudos do discurso digital, de multimodalidade e de linguística sistêmico-funcional. É membro do Grupo de Mídias Digitais (FFLCH-USP) e do grupo Sistêmica, Ambientes e Linguagens (UFSM/CNPq). Participou de diversas olimpíadas do conhecimento, tendo sido premiado com medalha de bronze na oitava edição da Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB), da Universidade Estadual de Campinas.

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo (paulosegundo@usp.br) - Doutor em Letras (2011) pelo programa de Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Possui graduação em Letras pela mesma universidade (2005). Tem experiência na área de Linguística, com pesquisas orientadas à articulação entre linguagem, cognição e discurso. Atua, principalmente, no campo da Análise Crítica do Discurso, na interface com a Linguística Sistêmico-Funcional, com a Linguística Cognitiva e com a Teoria da Argumentação; e na área de Linguística Aplicada, pensando na articulação entre gramática e textualidade, por meio de um olhar amparado pelas perspectivas cognitivo-funcional e discursivo-textual. Atualmente, participa como pesquisador dos projetos temáticos "História do Português Paulista" e "História do Português Brasileiro", é o primeiro líder do "Núcleo de Estudos em Análise Crítica do Discurso da USP" (NEAC-USP) e membro dos grupos de pesquisa "Estudos de Linguagem, Argumentação e Discurso" (ELAD) e "Grupo de Estudos do Discurso da USP" (GEDUSP), além de ser um dos editores da Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação (EID&A). Integra também o Grupo de Trabalho da ANPOLL sobre "Argumentação". Paulo Roberto Gonçalves Segundo é professor doutor adjunto em Filologia e Língua Portuguesa, com dedicação exclusiva, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

FARHAT, Theodoro Casalotti; GOLÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Identidades em comunhão: estratégias multimodais de individuação em um grupo de Facebook. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 35-71, 2021.

Contribuição de autoria

Theodoro Casalotti Farhat: concepção e elaboração do manuscrito; análise de dados; discussão dos resultados; revisão e aprovação.

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo: concepção e elaboração do manuscrito; análise de dados; discussão dos resultados; revisão e aprovação.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Figura 1 – Escala de Instanciação. Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 28).

Figura 2 – Escala de individuação: alocação e afiliação. Fonte: Adaptado de Martin et al. (2013, p. 490).

Figura 3 – Decomposição textual básica de uma postagem. Fonte: Elaboração própria.

Figura 4 – Afiliação e alocação em P1. Fonte: Elaboração própria.

Figura 5 – Percurso interacional de P3. Fonte: Elaboração própria.

Figura 6 – Nuclearidade semiótica da matriz. Fonte: Elaboração própria.

Figura 7 – Continuum de telicidade interacional. Fonte: Elaboração própria.

Figura 8 – Continuum de afiliatividade. Fonte: Elaboração própria.

Figura 9 – Continuum de ordinariedade. Fonte: Elaboração própria.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 26/02/2021

Aprovado em: 31/08/2021